

O meu processo de doença desencadeou-se rapidamente, quase sem me dar tempo inicialmente de pensar.

Tudo começou com crises semelhantes a asma. Em duas semanas fiz: tac, no dia seguinte Angio-tac que foi inconclusiva e na semana seguinte fiz uma PET. Este exame sim, foi significativo (Nódulo do Brônquio). Fui á consulta já com grande ansiedade. Foi um choque. Saí da consulta de P. com lágrima no olho, directa para os HUC para marcar a cirurgia (Toracotomia – lobotomia inferior do pulmão Direito ou mais expansiva consoante a observação). Saí dali já com a cirurgia marcada.

Não temia a cirurgia, talvez por ter sido enfermeira na Cirurgia Cardiorácica nos Cuidados Intensivos. Tinha plena confiança na equipa de enfermagem e médica.

O meu medo era o prognóstico. Hoje penso que já sabia o diagnóstico. Já tinha iniciado uma depressão profunda que me deixou sem conseguir dormir e comer desde o dia da cirurgia.

Sentia-me com vontade de começar a trabalhar um mês e meio depois, quando fui informada de que teria de realizar radioterapia.

Só pude iniciar tratamento 15 dias depois, devido ao derrame pleural e cardíaco que tinha, o que agravou a minha depressão. Tive que marcar consulta de Psiquiatria e iniciar tratamento para esse fim. Se não o tivesse iniciado, não teria conseguido efectuar todos os tratamentos de radioterapia.

Este tratamento considero que foi TERRIVEL. Essencialmente fisicamente. Suportei apesar da anorexia intensa, hipotensão grave, mucosite severa, mal-estar inespecífico desde o 2º tratamento (fiz 30 tratamentos ambulatoriamente). Os últimos 8 tratamentos com a sensação de morte eminente. Ia, mas sempre a pensar que não voltava. Nesta altura já dependia parcialmente em quase tudo dos meus familiares. Passava todo o tempo a dormir.

Actualmente, penso que o tipo de radioterapia que efectuei (resultou numa Fibrose Pulmonar extensa ao fim de mês e meio de terminar a radioterapia) com sequelas graves, foi pior que qualquer tipo de Quimioterapia que tinha administrado e observado enquanto profissional de enfermagem.

Hoje como Enfermeira a lidar com doentes do foro oncológico, sou mais tolerante. Não 'exijo' o levante quando o doente só quer ficar no leito. Sou mais consciente, mais empática do seu estado físico e psicológico, da sua dependência na satisfação das suas necessidades básicas.

Só posso expressar como “Terrível” o meu processo de doença – o período durante a realização da radioterapia.

Actualmente, ainda não consigo falar sem expressar alguma labilidade emocional.